



Editorial Dossiê “Exu: arte, epistemologia e método” – Revista ClimaCom

Déa Trancoso, Caroline Barroncas de Oliveira, Mônica de Oliveira Costa, Daniela Franco, Alessandra Ribeiro, Susana Oliveira Dias e Tiago Amaral Sales

“Exu no terreiro é rei e, na encruza, ele é doutor!”

(Trecho de ponto de Exu da Umbanda Brasileira)

Exu, princípio dinâmico das encruzilhadas e das encantarias do Catimbó, é mais que uma entidade sagrada que vence demanda nos terreiros do Brasil e do mundo: é epistemologia viva, método criativo e arte de borrar/atravessar fronteiras. Aqui, Exu e outras tecnologias ancestrais de construção de saberes emergem como chaves para uma ciência outra, uma arte insurgente e uma pedagogia radical: saberes que nascem do diálogo com o incerto - que, por sinal, são, também, as forças de invenção que movem a arte, a política e a ciência -, tal como propõem as diferentes autorias que nos orientam.

Assim, este Dossiê da Revista ClimaCom intitulado de “Exu: arte, epistemologia e método” convoca artistas, cientistas e pensadores a reconhecerem Exu como fundamento teórico e prático para a produção de conhecimento, desafiando as hierarquias coloniais que insistem em demonizá-lo. A organização e publicação é fruto de um trabalho coletivo tecido por múltiplos corpos. As inspirações para a sua feitura germinaram a partir da Aula Magna de abertura da pesquisa de Pós-Doutorado “A lembrança de si mesmo: parresia artística em Exu - subjetividades dissidentes, docências ativas”, da professora Déa Trancoso, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), sob supervisão da professora Caroline Barroncas de Oliveira. Tal momento reuniu em diálogo a professora Leda Maria Martins (UFMG), os professores Luiz Rufino (UERJ) e Rafael Araldi (UNIPLAC), além do multi-artista transdisciplinar Benjamin Abras. Posteriormente, mobilizados por tantos afetos que nos atravessavam e pediam passagem, formulamos um convite público para que diferentes pessoas de lugares distintos pudessem se aglomerar conosco para pensar-criar-compor COM Exu.

Tanto aquela Aula Magna quanto este dossiê não falam sobre Exu.

Falam a partir de Exu.

Falam, principalmente, em existência compartilhada COM Exu.



“Exu é o menino que colheu o mel dos gafanhotos, mamou o leite das donzelas e acertou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje; é o subversivo que, quando está sentado, bate com a cabeça no teto e em pé não atinge sequer a altura do fogareiro” (Simas, 2024, p. 105).

Exu abre os caminhos, é força, movimento, desejo, caos criativo, subversão, axé, energia vital, vida compartilhada em seus emaranhados.

Exu rompe a linearidade de nossos corpos e de nossas existências, nos convidando a experimentar o tempo em modo espiralar. A professora e escritora Leda Maria Martins (2021), a partir dos saberes ancestrais das culturas de matrizes africanas e das cosmologias de encanto dos povos originários, em tempo espiralado, nos ensina que Exu opera na dobra do tempo, tecendo narrativas não lineares que subvertem a lógica ocidental do controle e da replicabilidade. O educador Luiz Rufino (2019), em *Pedagogia das Encruzilhadas*, afirma que Exu é mestre da escuta e da transformação, exigindo um pensamento que habite contradições.

O filósofo Michel Foucault (2021), pela noção de parresía, lembra que dizer o que precisa ser dito para fins de transformação de si e da terra é risco e vulnerabilidade. Percebemos que Exu como parresiasta intempestivo carrega essa coragem de ver e dizer o que é inconveniente, mas necessário, descolonizando a noção de verdade: ela não é abstrata, mas encarnada, situada e perigosa.

A filósofa da ciência Isabelle Stengers (2023), ao advogar que outra ciência é possível, ecoa a exigência exuniana de um conhecimento situado, relacional e não neutro. Divisamos a necessidade de cultivar responsabilidades com o conhecimento, a vida e a criação, e Exu como força possível de nos deslocar a múltiplos caminhos possíveis.

Outras interlocuções nos inspiram a pensar e compor com Exu. O pensador indígena Ailton Krenak, a artista-pesquisadora Déa Trancoso (2024, 2025), em corpo taru andé radicalmente vivo e Antônio Bispo dos Santos (2022), em *A terra dá, a terra quer*, nos convidam a pensar Exu como força telúrica e política: um princípio que recusa a separação entre corpo e terra, saber e existência.

A partir de tantos encontros, perguntas fervilham e pedem passagem na convocatória que abrimos neste arquivo-dossiê: como práticas artísticas e científicas podem aprender com Exu a dizer verdades que custam, mas que transformam? Chamamos – e recebemos –, assim, trabalhos, pensamentos, ensaios, pesquisas e artistagens que assumissem Exu não como objeto de estudo, mas como sujeito epistêmico – voz que desarruma certezas e credibiliza saberes marginalizados, demonizados e apagados.

Pensar, criar e compor com Exu trata-se de um giro radical que nos desloca da solidão messiânica do observador e das certezas objetivas do pesquisador para os terrenos atribulados – e demasiadamente humanos – das encruzadas, com suas infinitas diferenças, sempre em grau máximo de fervura, que nos irmanam num irremediável “SOMOS TODOS EXU”.

O pensamento que transita aqui é de encruzilhada: arte, clínica, filosofia, educações, ciências divinatórias, alegrias e regenerações não como disciplinas separadas pela grande



fonte grega, mas como fluxos de um mesmo corpo mesopotâmico, acádio, grego, árabe, persa, africano, caucasiano, diaspórico, indígenas de Abya Yala – tão atuais. Águas que matam a sede da boca que sopra o axé, como nos diz o enorme Benjamin Abras (2025). Alimentos para um corpo taru andé radicalmente vivo.

Exu, aqui, portanto, não é um objeto de estudo.

É arte, epistemologia e método: de encruza, na encruza e para encruzas em amplos devires: pontos riscados em caminhos que se bifurcam, se chocam, se entrelaçam e se fertilizam.

Pensar a partir daqui exige coragem, dissidência e resiliência.

Uma dissidência que não é apenas oposição.

É, como nos lembra Nego Bispo, na sua imensa cosmologia, CRIAÇÃO.

É parresía artística: porta formulações arriscadas, pensamento de fronteira, narrativas de tábua de beirada, como Exu gosta.

É docência ativa que aprende fazendo, que cura sendo afetada, como Exu advoga.

E é com o corpo todo, como Exu demanda.

Este dossiê é um convite para abandonar a segurança da linha reta, pois a encruza é o lugar de investigação onde a lembrança de si mesmo não é a busca de nenhum eu, mas a construção relacional de um eu legião, à moda de Exu relendo o filósofo Emanuele Coccia (2020): trânsitos, contatos-improvisações, encontros – e toda corporeidade que deles surge.

Não queremos apenas inserir Exu no cânone. Até porque Exu não é citado, mas sim invocado. Não é posto entre aspas, mas incorporado na travessia do texto feito de restos, fragmentos e gargalhadas. Exu não se explica, ele se espalha - provocando, desviando, girando - retornando em outra dobra. Exu risca o chão do texto e ele se torna uma oferenda sem palavra final, mas, sim, cheio de começos e inconstâncias.

Queremos assentar suas ontologias, suas epistemologias, suas metodologias e suas artes para mostrar que suas encruzas não são, como o educador Luiz Rufino (2021, p. 40) advoga, “zonas de limites, mas de tempo-espço alterado pelas travessias: possibilidades, diálogos de coabitação e coexistência permanentes” - o próprio alicerce para outros modos de conhecer, escrever, aprender, se formar, ensinar e partilhar.

Assim, este arquivo coletivo e múltiplo de criações feitas ao modo de artigos, ensaios, produções artísticas, e... e... e..., com... com... com..., não buscam oferecer respostas finais. O desejo é de oferecer, compartilhar e cocriar mais encruzilhadas.

Laroyê!

Bibliografia

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.



FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF, 2011.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

REVISTA CLIMACOM. Conversas com Exu: convidado Benjamin Abras. Canal Youtube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bSRoNPJCfRA&t=7s>

RUFINO, Luiz. Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2021.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antônio. O corpo encantado das ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

STENGERS, Isabelle. Uma outra ciência é possível. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023.

TRANCOSO, Déa. A lembrança de si mesmo: parresía artística em Exu – subjetividades dissidentes, docências ativas. Universidade do Estado do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia. Pesquisa de Pós-Doutorado. 2025.

TRANCOSO, Déa. Catimbó Zen: existências compartilhadas – uma Filha da Folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação. Tese de Doutorado. 2024.

FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

Editores | Déa Trancoso, Caroline Barroncas de Oliveira, Mônica de Oliveira Costa, Daniela Franco, Alessandra Ribeiro, Susana Oliveira Dias e Tiago Amaral Sales.

Editores | Susana Dias, Larissa de Souza Bellini, Natan Rafael Neves da Silva, João Victor de Oliveira Murer e Thayany Mendes Amazonense

Capa | **Grande** | Déa Trancoso

Capa | **Pequenas** | Déa Trancoso



Projetos | Edital PIPD 1/2024, Processo Nº 88881.110512/2025-01 do Programa PIPD – Programa Institucional de Pós-doutorado. Projeto Nº12008010 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA.

Pareceristas | Adana Teixeira Gonzaga, Adriana Maria Rocha Trancoso Santos, Alan Alves Brito, Alessandra Ribeiro Martins, Alexandre da Silva Santos, Alik Wunder, Aline Weber Sulzbacher, Ana Carolina A. T. Murgel, Ana Cláudia do Amaral Leão, Ana Flávia Andrade de Figueiredo, Arthur Pereira, Carolina Cantarino Rodrigues, Caroline Barroncas de Oliveira, Ceane Andrade Simões, Davina Marques, Déa Trancoso, Érica Vidal Rotondano, Fabiana Carvalho, Fabiane Andrade Batista, Felipe da Costa Negrão, Fernanda Monteiro Rigue, Fernando Monteiro Camargo, Guilherme Araújo Soares, Guilherme Tropia Barreto de Andrade, Hivina Dorzane Machado, Lêda Valéria Alves da Silva, Letícia de Queiroz Bertelli, Lilian Maus Junqueira, Lucas César Rodrigues da Silva, Luciana de Araújo Pereira, Marcela Paschoal Perpétuo, Maria Carolina Alves, Maria dos Remédios Brito, Mauro Cardoso Simões, Monica Aikawa, Nilza Silvana Nogueira Teixeira, Paloma Nascimento dos Santos, Rafael Araldi Vaz, Regina Machado, Renzo Taddei, Roberto Dalmo, Rosana Baptistella, Rosane Meire Vieira de Jesus, Silvana Teixeira, Silvia Regina Paes, Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, Tabajara Sant'Anna Belo, Tiago Amaral Sales, Tiago Brentam Perencini, Tiago Ribeiro da Silva, Tiago Portella Otto, Váldina Costa, Zoy Anastassakis

Grupos de pesquisa | multiTÃO - prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq/Unicamp); Vidar em In-tensões (CNPq/UEA); Amplia - Grupo de Pesquisa Amálgama em educação, ciência e arte (CNPq/UFU); habitar - grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida (CNPq/UFU)

Redes de Pesquisa | Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas. Centro de Investigação de Currículos Vivos da Amazônia: Educações, Ciências e Saberes Ancestrais - CEIVA.



Instituições | Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Pós-graduação | Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-IEL-Unicamp; Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA;) Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (PPGPEDU/UFU).